

BIBLIOTHECA BRAZILEIRA

EMPRESA EDITORIAL

N. 3 - SETEMBRO - 1873

SERTANEJAS

DE

JOAQUIM BELEODORO

RIO DE JANEIRO

Typ. Acadêmica - rua São de Setembro n. 71

1873



BIBLIOTHECA BRAZILICA

(EMPRESA EDITORIAL)

N. 3-SETEMBRO-1878

SERTANEAS

DE

JOAQUIM HELEODORO

RIO DE JANEIRO

Typ.—Academica— rua Sete de Setembro n. 71

1878

3557

1040

Jfo  
869915  
82375

86991

## Bons dias

Bons dias, Joanninha, eu te saúdo;  
Já não olhas p'ra mim? que mal te fiz?  
Ciúmes, meu amor? de quê? se tudo  
Eu desprezo por ti, e sou feliz?

Desci da serra ao toque d'alvorada,  
O vaqueiro encontrei, pastando o gado,  
Os seus cantos ouvi, mas entoadas  
Minha voz não juntei ao seu cantado.

O teu bafo nas flôres aspirava,  
E meus olhos, sequer, nêem nellas puz,  
Como a belleza ver, se me faltava  
Do teu sagrado olhar a santa luz!

As brisas da manhã corriam frias,  
Quieto o lago era azul, as lymphas quietas,  
Em bandos, a voar das serranias  
As aves se juntavam ás borboletas.

Gemia manso o arroio na campina,  
Plangente o sabiá soltava o carme,  
Os desprezei por ti, e tu, ferina,  
Não me olhas, cruel, nem vens saudar-me !

Oh! dá-me teu olhar; da treva escura  
Da noite não sahi co'a criação,  
P'ra o mundo é a luz de Deos: tua alma pura  
Guarda em si meu olhar, crença e paixão.

A natureza acorda deslumbrante,  
Tudo é vida e esplendor, folga, é feliz;  
Só eu triste, Joanna, o teu amante,  
Porque devo chorar? que mal te fiz?

Na tua trança loura quero em beijos  
— Doce orvalho de amor — calar meus ais,  
Um abraço, o que tem? Morrem desejos  
Se Deos por tua voz falla aos mortaes !

Deixei a serra alegre, e vim, cantando,  
A ventura beber no teu sorriso;  
Tens arrufos, Joanna? Recordando  
Um crime no passado não diviso.

Inda á noite parti; deixei-te, amiga,  
N'un abraço, a sorrir, nos estreitámos,  
Unimos nossas vozes na cantiga,  
N'un beijo nosso adeos não suffocámos?

Porque foges de mim? A natureza  
Se liberta das trevas deslumbrante;  
Vem dar-me d'alma a luz, nesta grandeza  
Enleva o coração do teu amante!

Eu deixei o vergel, a serra, as flôres;  
Sem ver da aurora a luz buscava a aurora,  
Do triste coração rasga os negreos,  
Dâ-me a vida de amor n'um beijo agora!

## A CRUZ DE MICHAELLA

(RIO-GRANDE DO SUL)

Baixinho a sanga murmura  
Junto á cruz de Michaella,  
Beija o sol os braços della  
Sobre a rasa sepultura.  
Soluçam brisas em torno  
Os mysterios que ella tem,  
E nunca o tropeiro o pouso  
Busca sem ir piedoso  
A cova beijar tambem.

Muita gente se encaminha,  
Em pia e santa romagem  
A' cruz que vive sózinha  
Dos desertos na paragem ;  
E as lendas que se apregoam  
Dos milagres nos serões  
A avó resa e os netos crentes,  
Ao madrugar, reverentes,  
Vão beijal-a entre orações!

Alli é a campa bemdita  
De uma preta virtuosa,  
Ao amor de Deos na vida  
Su'alma se unio ditosa;  
E a cruz de negra madeira  
Que junto ao sepulchro está  
Tantos milagres memora  
Que, constricto, a cada hora,  
Um viajor vê-se lá.

Da campanha o viajante  
Ama a cruz de Michaela;  
Deslizando, perto della,  
Lembra a sanga a prece amante  
O sol, a tarde, e os ventos  
Soluçam-lhe uma oração;  
E o estrangeiro penitente  
Nunca s'ergueu, sem contente,  
N'alma sentir a expansão.

Tem sempre viçosas flôres  
Nos braços entrelaçadas,  
Nos pousos dos viajores  
Sempre lendas soluçadas.  
Bemdita a preta que dorme

A' sombra da pobre cruz,  
Su'alma nos céos sorrindo  
Ouve a prece, e, a Deos pedindo,  
Novo milagre transluz.

Viandante, que pousada  
Vais buscando no deserto,  
Não passes da cruz ao perto,  
Sem resar á sepultada ;  
De qualquer pouso que busques,  
E' crença pelo sertão,  
Acharás fechada a porta  
Se a campa da pobre morta  
Não teve a tua oração !

## NA VIOLA

Quem dançou nas pouperias  
Traz o cheirô da cachaça,  
Quem perde uns olhos brilhantes  
Chora além sua desgraça.

Como o pião forasteiro  
Eu deploro a pouperia,  
Como o amante sem ventura  
Eu perdi minha alegria.

Neste ardor que me consome,  
Neste inferno que me rala,  
Vexado perco a alegria,  
Tenho rouca a minha falla.

Quem levar-me aos caros sitios  
Onde a luz d'alma deixei,  
Abençoada e ditosa  
Verá que a vida quebrei

Da querencia o pingo vive  
Nos poteiros aguachado,  
Distante, nas outras tropas,  
Vive triste, intrinveirado.

Quem dançou nas pouperias  
Traz o cheiro da cachaça,  
Quem perde uns olhos brilhantes  
Chora além sua desgraça.

## O ESPIRITO SANTO

A frente da ermida, pintada de branco,  
De flôres ornaram p'ra bella funcção;  
Do Santo Divino fazia-se a festa,  
Do Santo Divino corria o leilão.

E o povo da roça, de gala vestido,  
Os mimos mercava do largo em redor,  
Dos lances cobertos, em meio dos risos,  
A's vezes á rixa chegava o fervor.

— Este casal de pombinhos

Quanto val? quanto me dão?...

Acclamava o leiteiro

No grande ardor do leilão.

— Ponha um cobre p'ra começo....

— Um cobre não; hote tres!...

— Tres tenho! quatro!.. e mais cinco!

Cinco! cinco! bato!... seis!...

— Sete, patrão, hote sete

Que os pombos são de Suzana;

Heide compral-os, desejo

Criat-os lá na choupana.

— São seus por sete! eis os pombos...

Vai agora o pão de lot,

Sahido quente do forno;

Não tenho assim mais um só!

— Dize, Julia, perguntava

Corado moço de um lado,

Foi por ti o loló feito?

— Sim, senhor, e offertado.

— Então, patrão, ponha logo

Dous mil réis p'ra começar.

— Dous mil réis! vamos, devotos,

Quem dá mais? quem mais quer dar?

Dou-lhe um... um!... dou-lhe dous...

— Dou-lhe tres.... nem mais.um só!

— Ponha-lhe cinco!...

— E' já tarde;

Tome lá seu pão de lot!

— Agora as fitas branquinhas  
De umas negras tranças bellas,  
São cheirosas como as flôres,  
Lindas como a dona dellas.

— Patrão, vá lá, pelas fitas  
Um cruzado... é já bater!...

— Um cruzado!... dous!... oh! gentes,  
Isto é dar, não é vender!

Se o Santo Divino ouve  
Estes lances do leilão  
Não hade estar satisfeito,  
Que eu tambem não 'stou, ai, não!

— Vá mais um cobre! e agora,  
Seu leiloeiro, é bater,  
Que o Santo não é avaro,  
Tem consciencia em vender.

— Vá feito! são suas fitas....  
Agora a rosca é que vai!...  
Quanto não val este lote?  
Tem duas libras; pesai!...

— Duas libras a cruzado  
Por um se devem comprar ...  
E' seu! não bato, nem grito  
Não vale o lucro cansar!

Por entre o murmurio confuso das vozes,  
Dos risos, das palmas, corria o leitão,  
A paz e a ventura se liam nos rostos,  
E quasi sem prendas se via o balcão.

Ao longe o canto soava  
Do Divino, que parava  
Nas choupanas a cantar,  
E aos sons de tanta harmonia  
Qualquer choça logo abria  
As portas de par em par.

— O Divino Esp'rito Santo,  
O menino folião  
Aqui vem trazer-vos festas,  
Aqui vos traz a benção !

Oh ! senhor dono da casa,  
O menino folião  
Vem cantar á vossa porta,  
Vem lançar sua benção.

Do Divino Esp'rito Santo  
Aqui vem o imperador,  
Elle bate á vossa porta,  
Vinde abril-a, meu senhor !

Vermelha bandeira ondula  
Ao soprar da viração!  
Tem corôa, sceptro e manto  
O menino folião! —

E do lado á barraca enfeitada  
Correm todos p'ra sorte tirar,  
As crianças, os velhos, as moças,  
Que donoso e festivo folgar!

Da barraca formosa depressa  
Vão-se as sortes e os mimos também,  
Da folia descendo, entre risos,  
Eis que o rancho moroso lá vem.

E quando a noite se estende,  
Da ermida em frente ao terreiro,  
Corre, e ataca o fogueteiro  
As rodas que em páos estão;  
Uma fragata de um lado  
O castello bombardeia,  
E a girandola que se ateia  
No espaço segue o balão.

Gritos, risadas, apupos,  
Vivas, fóra c'o estridor  
Da gente festiva applaudem  
Do fogueteiro o ardor.

— « Vamos, gente!... » E o archote alumia,  
E a viola s'escuta a cantar,  
Repetidos os vivas resoam,  
E os foguetes estalam no ar.

— Vindouro anno que trazes  
Do Esp'rito Santo as funcções,  
Ardentes saudades chamam-te  
Nos devotos corações! »

## A ESCURA

Por desavença ou por magoa.  
Não foi que d'aqui parti,  
Nem dos teus affagos, dona,  
Um momento me esqueci,  
Mas a minha vacca escura,  
Côr da noite sem luar,  
Tem me cansado este corpo,  
Fugio p'ra não mais voltar.

Minha vacca côr da noite,  
Noite fechada e sem luz,  
A linda, a mansa, a querida,  
E' agora a minha cruz ;  
Ha tres dias, se não erro,  
Desgarrada se perdeu ;  
Já corri valles e serros,  
Nos campos caccia eu.

Nem nos valles, nem no serro,  
Nem nos campos a topet;  
E a minha vacca querida  
Sempre na aurora abraçei!  
Faz doer bem dentro d'alma  
Pela manhan não n'a achar,  
Não lhe dar o meu abraço  
Que era costume lhe dar.

Morre a alegria devéras  
Quando uma scisma nos rala;  
Já não sei sorrir p'ra todos,  
P'ra todos não tenho falla;  
Quero olhar affeito os campos,  
Lembro a escura e choro em vão;  
Quero cantar pela aurora,  
Nata a saudade a canção.

Ai, dona, vai funda a magoa  
Ferida pela amizade,  
Qucima o pranto da saudade  
Se a esperança se perdeu;  
Eu de a ver não guardo agora  
Dentro d'alma, além da gana,  
Nem a esp'rança que emana  
Do acaso!... ella morreu!

Se vires a vacca escura  
Morta nos campos de alguém  
Dá-lhe por mim sepultura,  
Que eu não a veja também !  
Morta, dona ! eu vê-la morta,  
Era olhar-me amortalhado ;  
Meu coração, desgraçado,  
Mais um affecto não tem !

Regeitei berganhas gordas  
Pela minha vacca escura ;  
Por cobres não quiz mercal-a,  
De minh' alma era a ternura !  
Ai, dona, que vão bem fundo  
De saudade estes meus ais !  
Noite escura ! minha vacca,  
Por onde agora errarás ?

## O MINEIRO

Achega-se ao rancho, desmonta; a chilena  
Retine no passo calcado no chão;  
Chapéu desabado sombreia-lhe a fronte,  
E o ponche arremessa p'ras costas co'a mão.

Estala o chicote no ar, e festivo  
— Olá! Oh! de casa! gritando parou,  
São moucos, diacho! cansado o mineiro,  
Não viram que á porta seu macho estacou?

Eu venho de longe, de serras immensas,  
A tropa de burros tocando ao leilão,  
Exhausto o meu fila rosando se deita,  
O sol queima, é fogo, me abrigo á mansão.

Olá! da viola, suspira a cantiga,  
Olá! da morena, soluça o cantar,  
Trapeiros nós roda, fazemos no emtanto,  
E quero a cachaça da dança ao rodar!

Em choças deixadas ficaram saudades,  
Em vendas distantes parava também,  
Sahi pela aurora com ventos fagueiros,  
E o sol já descamba p'r'a tarde que vem.

Patrão deste rancho que Deus abençoê,  
Amigo dest'alma que a luta esmagou,  
Eu peço a ventura que adôra o tropeiro,  
O fado e a cachaça que o céu nos doou !

Meu filia é branquinho, de casa estimado  
A cria mais bella que trago de lá,  
E' manso, não morde, se o burro apouqenta  
Rasteja ao meu grito, tenencia tem já.

Fazei-lhe caricias, morena mimosa,  
Patrão, não se assuste, meu filia é de paz,  
*Crioulo* ! eh ! *Crioulo* ! p'ra aqui socegado,  
Não viram ? se humilha ; tens medo, rapaz ?

E' feio o meu filia, mas é de boa alma,  
Amigo do amo que bem lhe tratou,  
Se a mim de *baeta* chrismaram na estrada,  
Do insulto o *Crioulo* desforra tomou.

Eu tenho a pistola jungida ao lombilho,  
A faca de matto na cinta apertada,  
Debalde se ando não temo o inimigo,  
E affeito pernoito no ermo da estrada.

Mineiro, eh ! mineiro ! de vida damnada  
Me chamam e me apontam, mineiro eu o sou.  
Se aguardo n'um pouso, patrão, grito logo,  
A 'gente que á porta veloz não chegou !

## CONSOLO

Joanna, teus pombos brancos  
Voaram longe, voaram,  
O pombal não mais buscaram,  
Onde estão teus pombos brancos?

Canta, Joanna, ao teu canto  
Busca a saudade abafar,  
Ha dous dias, anjo, ha tanto  
Que elles fugiram do lar !...

Joanna, teus pombos brancos  
Voaram longe, voaram,  
Em tua mão desprezaram  
Comer mais teus pombos brancos.

Nas mattas, nos descampados,  
Nas serras não os achei ;  
Cacei-os, mas dos coitados  
Nem as pennas encontrei . .

Joanna teus pombos brancos  
Voaram longe, voaram,  
O pombal não mais buscaram,  
Joanna, teus pombos brancos.

Alvo, mais alvo que o linho,  
Lindo, mais lindo que a flôr,  
Da casa esquece o caminho  
O teu pombo batedor!...

Joanna, teus pombos brancos  
Voaram longe, voaram,  
Talvez nos finaes arrancos  
Do pombal se recordaram.

Entre arrulos no terreiro,  
Antes do dia aclarar,  
Gostava de os vér primeiro  
Te saudarem p'ra voar.

Canta, Joanna, em teu canto  
Dos ais suffoca os arrancos,  
Chora o amor no doce pranto  
Saudades dos pombos brancos.

## O TROPEIRO

Sustendo no rancho fogosa a carreira,  
Suando, o tropeiro da porta gritou:

— Ouvi-me, patricios, eu venho em procura  
De um macho maldito; ninguém o avistou?

Ah! patricio, tenho legoas  
Mais de cinco hoje contado,  
Do lote perdido caço  
Meu burro russo queimado.

Já fui aos valles distantes,  
Pelos campos já caccei,  
Nem rastros por entre a relva  
Do malfadado encontrei.

Desviou-se da madrinha  
Quando saltava o vallão,  
Toquei o lote e não vi-o,  
Tenho-o buscado inda em vão.

Da tropa a mais linda estampa,  
O mais seguro no andar,  
Era esse burro maldito,  
Que tanto me faz suar.

Afundei-me no riacho,  
Té molhei o meu surrão;  
Este cavallo que monto  
Não vale o meu russo, não.

Aquelle, sim; nos ribeiros  
Nem c'o a pata resvallava,  
Mais ligeiro que o veado  
N'um salto as margens galgava.

Mas este potro cinzento,  
Vagaroso pangaré,  
Não sente o relho que zune,  
Nem a chilena do pé.

Lancei as peias do lote  
A' turbulenta madrinha;  
Lá ficou, que o russo escute  
O toque da campainha.

Mas, qual é o burro maldito  
E' matreiro espertalhão,  
Embora o chame a madrinha,  
Não sahirá do sertão.

Já o sol desce no occaso,  
Vou, patricio, me afastar,  
O russo que livre o pello  
Se pela serra o encontrar.

Perdido um dia de marcha  
Em busca deste ladrão!...  
Russo maldito, que a relva  
P'ra ti se mirre do chão!

E zunindo o rebenque, a largo trote  
Para as serras de além s'encaminhando,  
O cansado tropeiro do seu lote,  
Pelo burro á gritar, foi-se afastando.

## OS REIS

— • Na tronqueira do Loreto

Os santos reis encontrei,

E p'ra aqui cantarem todos

Apressado os convidei;

Do sitio da Bella fonte

Conheci logo os rapazes,

As raparigas sagazes,

Donde são mesmo não sei.

Mas creio, por tanta graça,

Serem do Engenho de Fôra;

E que importa? corre a hora,

Cumpre bem os receber.

Aprompta a mesa e depressa

Que as vozes escuto já;

Sim; são elles que cantando

Sobem o monte p'ra cá. — •

— « Do oriente viemos ufanos  
Nós os reis do menino adorar,  
E, cansados, pedimos um pouso ;  
Abra a porta, oh ! senhor deste lar !

Temos myrrha o incenso e o ouro,  
Temos flôres, perfumes tambem ;  
De adorar o menino viemos,  
Que entre as palhas nasceu em Bethlem !

Do oriente viemos ufanos  
Nós os reis do menino adorar,  
E, cansados, pedimos um pouso,  
Abra a porta, oh ! senhor deste lar ! — »

« Bemvidos sejam os magos  
Visitar a pobre gente ;  
Entrai, silencio, e ouçamos  
Os grandes reis do oriente. »

E a turba festiva cantando penetra  
Na sala e o espaço rodando circula ;  
Suspira a viola ; nos sôpros da flauta  
A voz languecida no canto tremula.

« Entre as palhas o menino,  
A dormir, deixâmos lá,  
Se a cantar vamos de volta,  
Dançaremos antes cá.

Da choupana aos bons amigos  
Os reis saúdam contentes ;  
Pobres embora, elles querem  
Os estimados presentes.

Somos os reis que sagrados  
Regressamos de Bethlem,  
Por vossas graças em troca  
Damos paz, ventura e o bem.

De Maria o filho amado  
Recebeu-nos a sorrir,  
A sorrir aqui entramos  
P'ra vossas graças pedir. »

E a turba na casa circula  
O espaço da sala cantando ;  
A viola suspira amorosa,  
E a flauta soluça chorando.

Aos acordes sentidos, tão cheios  
De doçura e de amor que se vão,  
Nunca o mimo da boa hospedagem  
Se recusa e contentes lhes dão.

E na mesa que lauta se estende  
Convidados os reis do oriente  
Tomam assento, e depois a saude  
Logo fazem da prodiga gente.

— « Obrigado, senhor mago,  
Por vosso brinde, obrigado;  
Tanta honra não merece  
O fazendeiro coitado;  
Mas já que todos cantaram  
Eu também cantar desejo,  
E a canção do sertanejo  
Lembra logo o ardente fado. — »

« Sim! ao fado!.... » E da mesa sahindo  
Volta o rancho p'ra sala, e então,  
Se a viola delira nas vozes,  
O adufo não dorme, ai! que não!

E os reis, mais a gente da casa,  
Sapateiam com tanto fervor  
Que s'esquecem das honras e logo  
Vosmecê faz calar o Senhor.

E a roda vòa; que roda!  
Que fado! que sapateio!  
Quanto amor! que doce enleio  
Nesses brincos do sertão!  
Ai! que saudades não tenho  
Dos reis magos do oriente,  
Das choupauas e da gente!  
Ai! santa recordação

## AS FLORES DE INVERNO

( A LEITÃO JUNIOR )

Tu queres flôres, Jôanna ?  
Onde as flôres hei buscar ?  
Nos vargedos murchas rosas  
O frio fazem lembrar ;  
A geada deste inverno  
Todas as flôres matou ;  
Nem sequer p'ra ti um lírio  
Em pé na varzea ficou !

O perilampo nas selvas  
A luz tremente extinguiu ;  
Da estrella nos mantos negros  
O dubio raio fugio ;  
Quieto o ribeiro não geme  
Do frio preso ao torpor ;  
Sem folhas morre a palmeira  
Como buscar-te uma flôr ?

Não vês ? o valle é silente,  
Dorme no galho o colleiro,  
Encolhe as azas geladas  
Na moita o mocho agoureiro,  
Na espessura da floresta  
A rôla esconde os seus ais,  
Quebra a cadencia o canario  
Voando nos matagaes.

Uma flôr, como buscar-te  
Nestes mirrados rosaes ?

Não queiras flôres das varzeas  
Quando a geada as matar ;  
Se as rosas morrem no campo,  
Venturas surgem no lar ;  
O serão mais se dilata,  
E o velho mais terno entoa  
O canto que sempre echoa  
Nos corações ao findar .

Vermelhas rosas se abrem  
Nas faces da sertaneja,  
Mais o olhar vivo lampeja,  
O labio mais doce ri ;

Ao berço que balançado  
Vôa nos ares facheiro,  
Segue o canto feiticeiro,  
E a flicidade é allí.

Da luz, aureola sagrada  
Da frente de Deos, fulgura  
Mais brilhante a chamma pura  
Na longa noite ao serão;  
Não queiras flôres do campo  
Quando ao frio s'emmurehecem,  
Só no inverno lindas crescem  
As rosas do coração!

## O QUIRIRI

(PARÁ)

— No balaio da costura  
Aninhou-se o quiriri;  
Minha filha, novidade  
Deve andar ao certo ahí.

O que tens? porque suspiras?  
Estás triste? mas que tens?  
Da janella, pensativa,  
Porque conversar não vens?

No balaio da costura  
Aninhou-se o quiriri;  
Negas embora, mas, creio,  
Segredos guardas de mi.

Dize se amas; teu noivo  
Deve ser encantador?  
Teus olhos nunca olhariam  
Homem falso e enganador.

Queres vestidos? desejas  
Outros tamancos p'ra ti?  
Não respondes? mas qu' importa?  
Avisou-me o quiriri.

São fitas os teus anhelos?  
Flôres? corôas? que tens?  
Porque triste e pensativa  
As lendas ouvir não vens?

Choras; de amor o segredo  
Do teu seio descobri  
No balaio da costura  
Conflou-me o quiriri.

No teu balaio, menina,  
Uma cousa alguém deixou...—  
E o balaio revistado  
Vazio a filha encontrou.

— Nada encontraste, criança,  
Nada encontraste p'ra ti;  
Os novellos da costura  
Demudou o quiriri.

Do quiriri teu segredo  
Ganha o ninho do anajá  
Mais profundo, do imprudente  
Nunca a vista alcança lá

Mas eu que sou tão bondosa,  
Por teu amante e por ti,  
Abenço o casamento  
Que annuncia o quiriri. —

E a filha sorrio fagueira  
Junto á mãe, feliz sorrio,  
E o quiriri, sempre amado,  
No seu balaio dormio.

## SAUDADES

Era mais bello o seu riso  
Que o descerrar de uma flôr,  
Tinha nos olhos o lume  
D'alva estrella do pastor ;  
Vem, meu rafeiro, comigo,  
Que sua campa encontrei  
Sem cruz no extremo jazigo...  
Lágrimas tristes, correi!

Era menina tão linda,  
Tão linda, que assim não vi,  
Se dormem anjos na terra  
Um anjo descansa alli.  
Fincarei a cruz na valla  
De pão, que eu mesmo apromptei,  
Vamos, rafeiro, choral-a,  
Lágrimas tristes, correi!

Dos seus brinquedos da infancia  
Saudosos vejo os rosaes,  
Nem a rôla fende os ares,  
Nem canta o colleiro mais,  
Morava nella a alegria  
Destes campos, bem o sei.  
Morreste, pobre Maria,  
Lagrimas tristes, correi !

Minha filha, quem da fronte  
Ha de enxugar-me o suor ?  
Quem beijando á noite rindo  
Hei de ouvir fallar de amor ?  
Sou tão velho ; na saudade  
Mais a existencia cansei,  
Vem, rafeiro, em soledade,  
Lagrimas tristes, correi !

Meu bordão sustenta o passo  
Que moroso e fraco está,  
Não é longe 'o cemiterio,  
Junto á varzea o vejo lá.  
Vem, rafeiro, unico amigo  
Que na velhice encontrei,  
Levo a cruz p'ra o seu jazigo,  
Lagrimas tristes, correi !

Vós, andorinhas do monte  
Que voais pela amplidão,  
Não tendes della a alegria  
Nem tu, colleiro, a canção....  
Era a ventura da roça,  
Cedo de mais a chorei ;  
Vem, rafeiro, e Deos nos ouça,  
Lagrimas tristes, correi!

## RECADO

— Moça bonita, saudade  
Trago da villa de lá,  
Perguntam se de amizade  
Os laços rompeste cá.

Vi chorar amargos prantos,  
Que chorei sem murmurar,  
Recados trouxe de tantos  
Que não me posso lembrar.

Abraços das raparigas,  
Lembranças dos mocelões;  
Té me deram nas cantigas  
As vozes dos corações!

Aceita tudo, ai! aceita,  
Trago da villa de lá,  
A lembrança não regeita  
Quem feliz vive por cá.

Mas o regalo mais doce,  
Que p'ra ti trago de amor,  
Recommendaram que fosse  
Por mim dado, e com fervor.

Foi um beijo terno e brando  
Como os suspiros de cá.....  
Que tens, moça? estás corando?...  
Não é meu; recebe-o lá. —

## AIS DO SERRANO

Todos lembram nas trovas sentidas  
Longe o lar da familia deixado !  
Uma a uma das queixas doridas  
A saudade é que d'alma arrancou !  
O tropeiro, no pouso acampado,  
Canta e dança entre amigos festivo;  
O serrano... esse não, perde o riso  
Se nas serras o olhar não pousou.

Boiadeiro ditoso as noitadas  
No estrangeiro contente prolonga;  
O roceiro feliz da araponga  
Sem ouvir o cantar dormeceu ;  
O vaqueiro, das vargens fugindo,  
O sertão corta alegre e cantando ;  
O serrano... esse não, recordando,  
Chora a serra, se a vista a perdeu.

A viola do filho das vargens  
Tem suspiros, canções, tem amores,  
Quer nas serras, no prado, entre flôres,  
Na campina, no val, no sertão;  
Elle pousa nos ranchos da estrada,  
Elle dança em funcções do estrangeiro;  
O serrano... esse não, forasteiro,  
Volve á serra um olhar sempre em vão.

Como as folhas que os ventos arrancam  
Adormidas nas aguas perduram,  
Como as aves que os ninhos procuram  
Só a noite ou do sol ao calor,  
Dos vargedos o filho, entre affagos,  
Não se lembra do colmo deixado;  
O serrano... esse não, namorado,  
Só tem risos das serras p'ra a flôr.

Não vicejam as flôres nos campos,  
São tristonhas as nuvens da aurora,  
Entre as grammas o arroio não chora,  
Nem da moça é saudosa a canção,  
P'ra o serrano que a serra abandona,  
Que nos valles perdido vagueia,  
Entre amigos se pousa, pranteia,  
Não tem alma na estranha funcção.

Quem brincou sobre o topo das serras,  
Quem um vasto horizonte avistava,  
Quem da aurora ao sorriso acordava,  
A' garruxa encostado, de pé,  
Se a planície recalca, lamenta,  
Se em vargedos se perde, deplora,  
Da saudade no pranto que chora,  
Diz: « aqui minha terra não é! »

## SANTO ANTONIO

Queres casar-te, Joanna ?  
E tu, Rita, tambem queres ?  
Vejam lá que são mulheres,  
Té p'ra amor tem devoção :  
O Santo Antonio enfeitado  
No altar se está agora,  
Diz que Rita aspira e chora,  
Joanna deseja em vão.

Não vale a zanga, não quero  
Zangar-me em noite de festa,  
Da roça—*mestre da orchestra*,  
Hei de na flauta tocar ;  
E volteiando a fogueira  
Que no terreiro crepita,  
Por toda a moça bonita  
Hei de ao patrono rogar.

Os cordeis brancos do frade  
Imitando-as beijarei,  
Si não me casar — compadre  
De qualquer noivo serei,  
Que o santinho é caridoso,  
Diz a Rita toda ancha,  
Que o destino elle desmancha  
Joanna sabe e eu o sei.

Venham as fitas e as flôres,  
Do alecrim o ramo bento,  
Que esta casa p'ra convento  
Ao certo não ficará.  
Abençoada a choupana  
Santo Antonio a traga olhada,  
E uma a uma casada  
Longe os filhos criar vá.

E o verde alecrim das aguas bentas  
O roceiro tirou quasi sorrindo,  
E da casa os cantinhos pressuroso  
Foi aspergir a bênção repetindo.

Já benzi nossa choupana,  
O santo enfeitado está,  
Nas horas da meia-noite  
Então a sorte virá ;

Por emquanto na viola  
Vou ferir uma canção,  
Vibra tu a castanhola  
P'ra abrilhantar a função

Santo Antonio — bom santinho,  
Dos matrimonios patrono,

Quero dono

P'ra este firme coração!  
Amo muito o Antonico  
Quero dar-lhe minha mão!

Santo Antonio — bom santinho

Já beijei vosso cordel

Meu annel

Nas santas aguas molhei,  
Na lista dos afilhados,  
Meu nome, peço, inscrevei!

E a castanhola soava  
E a viola soluçava,  
Fervia o samba em redor;  
Da fogueira no terreiro,  
Já gasta a lenha, o brazeiro  
Das cannas mudava a côr.

— Alto a dança; é meia-noite,  
Santo Antonio não quer mais,  
Joanna, beija esta sorte,  
Rasga tu o nó, rapaz,  
Mas cuidado com meu lenço  
Que as sortes guarda no fundo,  
Haja silencio profundo  
E tu a sorte lerás.

Santo Antonio casa as moças  
Que são constantes fleis,  
Mas quer que passem tres dias  
A beijar os seus cordeis!

Ouviste, Zanna, tres dias,  
Alegre o moço gritou,  
Eu aceito, e tu, não queres?  
Santo Antonio sorteiou!

— Tambem accito e agradeço,  
Deu-me o santo a tua mão —  
Aprazo os amigos todos  
De hoje a um mez p'ra uma funcção.

Bravo, Joanna, obrigado,  
Sou mais feliz dos mortacs,  
Rola o samba, ferve a roda,  
Canta mais alto, rapaz!

Solta os foguetes, amigo,  
Quero ouvir risos no ar,  
Té aos céos, minha ventura,  
Quero também festejar!

Santo Antonio, meu santinho,  
Dos matrimonios patrono,  
Dêste dono

De Joanna ao coração,  
Hei de feliz, por vós juro,  
Fazel-a, dando-lhe a mão.

Rolava o samba e no emtanto  
Mais a ventura crescia,  
Todos riam, si um sorria,  
Cantavam n'um só cantar;  
E na quebrada do monte  
Do pastor a nivea estrella,  
Da alvorada á face bella  
Esmorecia o brilhar!

## O boiadeiro

Alegrias tenho n'alma,  
Consolo no coração ;  
Vejo a aurora nos teus olhos  
Quando chego no sertão.  
De pequeno fui fadado  
Para andar legoas aos centos !  
Oh ! birrentos,  
Toca a ponta, mandrião !

Me criei entre os amigos,  
Entre amigos sei folgar,  
Minha avó, que Deos lá haja,  
Me ensinou logo a resar ;  
Santo altar, busca minh'alma  
No teu seio bem fadado !...  
Eh ! pintado,  
Toca a frente ! toca andar !

E' em teu seio que vejo  
O meu Deos no teu amor,  
E quanto mais me atormentas  
Mais te quero com ardor ;

Não sei buscar alegrias  
Longe de ti, minha amada...  
Oh ! pintada,  
Não fujas pr'a o logrador !..

Quando Deos me pôz no mundo  
Foi p'ra te amar com paixão,  
Ver por teus olhos a vida  
Sentir no teu coração ;  
Tenho seguido o destino  
Passo a passo com certeza...  
Oh ! Belleza,  
Guia certo o boiidão !

Não me cansa esta existencia  
Atormentada que vai ;  
Cada qual tem uma sina,  
A vida não vale um ai ;  
Mas sou feliz, nem mais peço  
A Deos louvado os favores...  
Oh ! tres côres,  
Sahe da frente, esperto, sahe !

Quem tem mulher que bem queira,  
Quem tem luz n'um santo olhar  
E' ditoso, e, como eu ando,  
Nos sertões passa a cantar ;  
O boiidão é a alegria  
Que quando te deixo busco...  
Eh ! oh ! fusco,  
Queres-me o sangue ralar ?

Santo Deus, eu vou caminho  
Da flicidade na vida ;  
Tenho a paz dentro em minh'alma,  
Tenho uma mulher querida ;  
Quando acordo é sempre rindo,  
Nunca me deitei tristonho ;  
O meu sonho  
E' não mudar esta lida !

Sou feliz ! trocar meu rumo  
Por outro, fôra peccar :  
Cada qual nasce p'ra um norte ;  
O meu destino é te amar !  
Ouve a cantiga ! oh ! morena !  
Que canta o meu coração.  
E tem pena  
De quem toca o boiidão.

## EM CAMINHO

Eh! lou! burrada maldita,  
Estropeada e manhosa,  
Leva a marcha vagarosa.....  
Eh! lou! burrada é andar!  
Desce o sol, e a noite desce  
Nem cinco legoas ganhámos!  
Eh! lou! se não galopamos,  
Amigo, vais mal passar.

Eu, vaqueano dos campos,  
Pela manhã t'ô dizia  
Que de um valle á outro o dia  
P'ra ganhar não basta, não;  
Demoraste o passo, e agora  
Vês a noite sem o pouso,  
O teu burro pezaroso  
Já calcando vai o chão.

Vamos, amigo, eh! burrada!  
Eh! lou! malditos baguaes,  
Leve a canseira o diabo!  
Ferra as chilenas, rapaz.  
O cantar do pouso escuto  
Nos echos longe soando,  
Mais um pouco caminhando  
Seremos nos devesaes.

Trouxeste tambem a mula  
Mais madrassa por madrinha,  
Nem sacode a campainha  
A preguiçosa no andar !  
Chicoteia o macho branco  
Que se perde da burrada ;  
Enxota o russo p'ra a estrada,  
Tange o alasão, quer passar.

Comprar burradas de longe  
Nunca foi minha paixão,  
Da querencia vem saudosas,  
Estranham sempre o sertão ;  
Eu, por mim, se compro a ponta  
Da minha terra a procuro ;  
Eh ! maldito burro escuro,  
Queres fugir-me, ladrão ?

Eh ! a galope ! o chicote  
Meneia, amigo, no ar,  
Basta o estalo, que assusta,  
Vale mais que chicotar.  
Doce cantiga do pouso  
Os meus ouvidos ferio ;  
Não vês a luz d'outra banda  
Já meu olhar descobrio ?

## A ERMIDA

(A' F.....)

Mais que a neve em que s'envolve  
Pelas noites ibernaes,  
Que a lympha mais clara e bella,  
Mesmo que a espuma, inda mais,  
No meio do descampado  
Ergue-se a igreja da aldeia,  
Onde a luz que bruxoleia  
De phanal serve ao cansado  
Viajor dos areiaes.

O sino acorda em soluços  
A resa do amanhecer,  
Lembram ás tardes os dobres  
A prece do anoitecer;  
O caminheiro constricto  
Quando cansado á jornada  
Acha nos adros pousada,  
E, murmurando o bemdito,  
Sabe a Deos agradecer.

Cresce a rosa e alastra o adro  
De flôres verde tapiz,  
A trepadeira virente  
A' sua sombra é feliz;

Ella é só, mas ninguém passa  
Sem saudal-a, e caminhando  
Baixo a oração vai resando,  
Consolo grato á desgraça,  
Que o valor d'alma prediz !

Mais abaixo é o cemiterio;  
De páo s'eleva uma cruz  
Onde floresce a saudade,  
Que o amargo pranto traduz;  
Tudo é silencio, e na calma  
Do afastado cemiterio  
De dôr ha sempre um mysterio,  
Uma lembrança p'ra a alma,  
Que n'um ai fundo reluz !

E alli, clara e singela  
Como um lirio, mostra ao cêo  
A torre d'onde em gemidos  
O sino a voz desprendêo,  
Toda de branco enfeitada,  
Qual uma noiva galante,  
Do viajor vacillante  
Nos adros guarda a pousada  
Envolta em florido véo.

E' a mansão da ventura,  
Da crença, da fé, do amor,  
Onde altar tem a innocencia,  
Sempre a virtude uma flôr,  
Onde o crime pára e morre,  
Onde a bondade s'eleva,  
D'onde o mal foge, e na treva  
Do remorso ardente corre,  
A' bradar pelo Senhor !

Feliz se um dia prostrado  
Na jornada eu fosse alli  
Deixar os rotos andrajos  
Com que meu corpo encobri.  
Na paz da prece sagrada  
Meu labio s'emmudecêra,  
E talvez então morrêra,  
Abençoando a pousada,  
A Deos orando por ti.

## RUSTICA

Si te amar sabia  
Quando agreste flôr,  
Minha voz resfria,  
Já não diz amor !

Felo humilde soco  
Si a botina vem,  
Desse tempo louco  
Não te lembras, bem ?

Tua saia bella  
Onde foi, amor ?  
Si rasgaste aquella  
Desmaiaste á dôr !

Desmaiada agora,  
Mais real assim,  
O teu seio chora  
Sem chorar por mim !

Do teu pranto tremes...  
Que fizeste, flôr ?  
Me escutando, gemes...  
Que te fiz, amor ? !

Que te fiz agora  
Mais real assim ?  
Teu semblante cora  
Sem corar por mim !

Que receio tardo  
De infantil pudor !  
Si por ti não ardo,  
Que receias, flôr ?

Não te assustes, córa,  
Que a fingida còr  
Já não lembra agora  
A sylvestre flôr.

Da campina inculta  
Bemfadada flôr  
Que o tufão sepulta  
Não revive amor !

## A TRIGUEIRINHA DO VALLE

(A' MELLO MORAES FILHO)

Curto o vestido de chita,  
No pescoço o lenço branco,  
Calçando o leve tamanco  
Passa a trigueira do val ;  
Mais delgada que a palmeira,  
Dobra o corpo delicado,  
A saltar no descampado,  
A fugir do cafezal.

Sertanejos na viola  
Lh' entoam canções de amores ;  
Dorme no leito das flôres  
A' sombra dos palmeiras ;  
Nunca chorou, lisa a face  
Purpureia a flôr dos annos,  
Nem sentio dos desenganos  
O soluçado dos ais !

Ella vai, correndo sempre,  
Mais veloz que a branda aragem,  
Tem Deos por guia á romagem,  
Por scismas—sonhos de amor !

E quando o canto se perde  
Pelos montes e vallados,  
Vão a Deos os sons levados  
Entre os perfumes da flôr !

Da trigueirinha do valle  
Prende as tranças branca fita ;  
O seio sonha e palpita,  
Da boca seduz a voz ,  
E quando o fado nas noites  
Do verão cobre o terreiro,  
Alegre rufa o pandeiro,  
Rasga a tyranna veloz !

Oh ! então, os sertanejos,  
Endoudecidos de amores,  
Formam roda, jogam flôres  
Na trigueirinha do val,  
Que—borboleta ligeira,  
Sapateia o fado ardente,  
Mais que a rainha potente  
No reinado festival.

« Sou trigueira ! quinze annos  
Tenho ufanos,  
Libertos de magoa e dôr !  
Não amei ; mas tenho amores  
Como as flôres  
Teem o perfume e a côr.

Dos meus olhos os lampejos,  
Sertanejos,  
Quantos sonhos não vos dão ?  
Minha voz— doce harmonia  
Inebria  
Nas toadas da canção !

Nos sertões ninguém deplera  
Mais agora  
Que a trigueirinha chegou :  
Façam roda, ferva o fado,  
Que agitado  
Meu pandeiro despertou!

E a trigueirinha rodando  
Vai no fado graciosa,  
Requebrando caprichosa  
Dos negros olhos a luz,  
Mais que do céu nivea nuvem,  
Mais que a flôr vergada á aragem,  
Mais gentil, a sua imagem  
O sertanejo seduz.

## ARRUFO

Tome tenencia, seu home',  
Que não sou de mangação,  
Querer-me beijar na estrada !  
Que forte descarção !

Sou como as flôres medrosa,  
Sou mais que as flôres louçan,  
Das villas desprezo os modos !  
Desdenho sua imposan !

Sou sertaneja, nas roças  
Em toda a vida não vi  
Um homem desaforado,  
Nem mesmo ás noites, aqui !

Si me quer ter como sua  
Vá fallar ao Nicoláo,  
E' meu pai, e por cautela  
P'ra os trastes tem elle um páo !

Temos aqui uma ermida,  
Um padre e mais sachristão,  
Pelo pé não nos arrancam  
Quem nos quer dá-nos a mão !

## Desillusão

Eu tive uns certos amores  
Lá p'r'as bandas de Belém:  
Daquelles geraes a dona  
A mais linda era o meu bem;  
No choradinho uma feita  
Toda na puba a encontrei;  
— Dá-me um beijo, então lhe disse,  
E bem terno lhe fallei.

Voltou-se a dona arrufada  
Como si praga escutasse,  
Gente por cobra picada  
Não mostrava tal feição.  
— Que tens? lhe disse — é de um beijo  
O rogo que agora faço,  
Já te não dei um abraço,  
Porque te zangas então?

Vai a dona, — se quebrando,  
Toda em ternuras me olhou,  
E disse logo: — lá fóra  
O que me pedes te dou. —  
Gentes, com que azafama  
Dansei naquelle chorado,  
Imaginal, que contado  
Nunca um derriço prestou.

Puxei fleiras sem conta,  
Sem conta palmas bati,  
Nunca a noite foi tão grande,  
Samba tão longo não vi;  
Eu, que queria as dez horas,  
Nem via a estrella apontar,  
Que os caminheiros procuram  
Depois das nove soar.

Dansei muito; na viola  
Minha mão tremia tanto,  
Que eu doente me julgava,  
Ou preso de algum quebranto.  
Mas, enfim, a estrella ao longe  
Assomou; — logo gritei:  
Quem se vai, oh! minha gente,  
Sou eu; e a porta busquei.

E direito fui ao macho  
Que no terreiro preendi,  
Quando eu as redeas tomava  
Ante mim a dona vi.  
Vens dar-me o beijo, lhe disse;  
Sim, t'o dou com condição;  
Qual é? Eu quero uma saia  
Para o dia da função.

Foi agua posta em fervura,  
Foi vento sul que soprou,  
Ai, patricios, dentro d'alma  
Nem um encanto ficou!  
Amar mulher que berganha  
Seus beijos não é ventura;  
Quem dos céos tem alma pura  
Nunca o interesse sonhou.

Montei lesto, e nem resposta  
Dei á dona que esqueci ;  
Hoje mais beijos não peço  
Um curou-me, que pedi:  
Desta molestia malvada  
Que tanto alastra o sertão,  
Mínhas gentes, não me temo,  
Trago em guarda o coração!

## O CARGUEIRO

— Leva arriba, rapaz, o teu cargueiro  
Vai apromptar e já; toca a partir;  
E' quasi dia; o sol nascer não tarda,  
E estás, meu mandrião, inda a dormir?!

Bota as cangalhas no macho,  
Que a estrella d'alva apontou,  
Carrega a broaca cheia  
De limão que o Zé mandou.

N'outro cargueiro a laranja  
Que em monte na varge'está,  
Pencas de banana em cima  
Podem ir desse jacá.

Ensilha o burro malhado,  
A dextra deve marchar,  
Deixa-o na venda da banca  
P'ra o Manduca regressar.

Tu montarás o rosilho  
Para a carga conduzir;  
Da cesta os ovos não quebres;  
Estando prompto é partir.

Vai pela serra, que a estrada  
O ribeirão alagou,  
Muita cheia neste inverno  
Todos os trilhos molhou.

E a estrella d'alva que nascia bella  
Desmaiava no céu fulgente o brilho,  
E, já prompto o cargueiro, o dextro moço  
Puxava cavalgado no rosilho.

— Adeos, sertão, adeos, flôres,  
Vou partir que surge a aurora.

Muito embora  
A ausência longa não vâ,  
Sinto n'alma já saudades,  
Penso na volta p'ra cá.

Quem nasceu nestes logares,  
Quem aspirou estas flôres

Dos amores,  
Não parte contente, não,  
Que perde toda a ventura  
Deixando atrás o sertão.

Mas se o meu cargueiro levo,  
Eu com elle heide voltar,  
Que a cidade não me agrada,  
Só a roça sei amar! —

E o tropeiro busca a serra  
Sempre saudoso a cantar;  
A estrella d'alva se some,  
O sol aquece a brilhar.

## O GARIMPEIRO

Garimpeiro ambicioso,  
Não canses por ouro em vão,  
Vale mais um beijo á furto  
Que o afadigado milhão.  
Garimpeiro afortunado,  
Antes busca um coração.

Veio d'ouro no garimpo  
Achado que vale emfim,  
Quando em grammas rorejadas  
Dorme amor somno sem fim.  
Garimpeiro, entre a fortuna  
Não podes pensar em mim.

Garimpeiro, mata o ouro  
No teu seio a luz do amor,  
Seccos labios sem ter beijos,  
Sem orvalho agreste flôr.  
Os teus sonhos, garimpeiro,  
São fugaces, sem languor.

Buscando embalde a fortuna,  
Depois de morta a illusão,  
Morrerás, ó garimpeiro,  
A' mingoa de uma afeição.  
Garimpeiro, a flicidade  
Só dorme no coração.

Garimpeiro afortunado,  
Se te vais — adeos, adeos,  
Olhos cegos de fortuna  
Não quero avivar aos meus.  
Garimpeiro, nos meus lábios  
Não morrem mais beijos teus.

Sou modesta — sou singela  
Como a flôr ao madrugal,  
Quero a gota leve e pura  
Do bemfadado aljofar.

A gota d'outro é pesada,  
Meu brilho pôde matar.

Guarda teus ricos thesouros,  
Que não servem para mim;  
Garimpeiro afortunado,  
Tenho adornos no jardim,  
Na terra que o fundo buscas  
Terás um vazio enfim.

O DR.

O doutor da aldeia é velho,  
Mas é um velho ratão;  
Tem um burro còr de chumbo,  
Mais um jumento alasão!  
A botica tem na horta  
E' della a cerca o balcão!

Quando nivea mão mimososa  
Descansa na cancellinã  
Sua voz fanhosa ulula:  
— Póde entrar, cara vizinha,  
Uma posthema, isso é nada,  
Espere que vai curada!

Arregaçado o vestido,  
Na perna estende o emplastrão  
De dormideiras, e em falta  
Prepara o mangericão:  
E a vizinha mais pesada  
Vai-se, curada não!

Sociedade amigavel  
Entre o padre e o bom doutor,  
Do jogo á noite começa  
Antes do sol bem se pôr.  
E a vizinha diz: coitado,  
E' quando está socegado.

O que faz o nosso medico  
Eu não quero ajuizar,  
Mas dizem que o obituario  
Da villa vê-se augmentar.  
O padre lucra nas missas  
E o doutor nas hortaliças.

Por engano um sertanejo  
Um burro á casa o levou,  
E dizem que o bom do velho  
Té mesmo o burro curou.  
Não é caso de espantar,  
O doutor era alveitar.

Se um dia o doutor doente  
Não correr as freguezias,  
Affirmam que póde o burro  
Supprir a falta por dias,  
E o dono, que o affiança,  
Diz nelle ter esperança.

## FEITIÇOS DO BAIÃO

Foi porflada a arrelia  
Que trouxe do teu baião,  
Quíz beijar, não consentiste,  
Teu rendado cabeção.  
Se não fallavam teus olhos  
Com meus olhares, maldosa,  
Porque da boca formosa  
Tu me atiraste a canção?

Sambista de fama, ralho  
Na viola sem causar,  
Nunca enfraquece a cantiga  
Descantada no aboiar ;  
Cabra brabo, não me perco  
Se me escancho n'algum rasto ;  
Mas por ti a vida gasto,  
Preso ao desdem, sem piar !

Tomam chá comigo todos,  
Já por caipora sou tido,  
Dizem que magró, d'espectro,  
Tenho meu rosto comprido ;  
Mal sabem todos que a magua  
E' de amor que broca o seio,  
Do teu baião foi no meio  
Que fiquei assim perdido !

Do codorio já me esqueço,  
Anda a *branca* mal amigo,  
Que toda vontade d'alma  
Levaste-a, cruel, contigo;  
A' mim resta o desalento  
No descantar gemedor,  
Nem um terço á Deos resado  
Deu-me a fé do teu amor.

Louvado seja o Santissimo,  
Digo já sem alma até,  
Devéras ferru-me o demo  
Deste amor, que triste é;  
N'uma grota encafuado,  
Sem luz, sem ar vivo eu,  
Teu olhar se traz-me a aurora,  
Teu desdem me fecha o céo.

Amigos, ao samba triste  
Não irei p'ra mais penar,  
A pedra bateu-me certa  
Fez ferida de matar;  
Hoje eu olho, mas não vejo,  
Se me fallam, não entendo,  
Minh'alma chora e soffrendo  
Muito em breve hade ciscar.

Foi quebranto aquelle olhado!  
Já sou troços do que era,  
Nem a *branca* me dá vida,  
Nem esp'rança a primavera:  
Neste fechado desgosto  
Eu me lembro do baião,  
Dos teus olhos, dos teus seios  
Tremendo no cabeção!

## No campo

( S. PAULO )

« — Pinchai o laço, nhô Juca,  
Com mais certeza no ar,  
Este cavallo é matreiro,  
Não é bom de se laçar.

Idê caminho de esguelha,  
Encostai á matta, assim ;  
Eu cerco a vargem do lado,  
Teude o olho fito em mim.

Do ribeirão n'outra banda  
Eu faço o cerco de vez,  
Eu em gritando nos ares,  
Pinchai o laço e vereis. — »

E a galope o paulista na vargem  
Solta as redeas ao bicho veloz,  
Passa as máttas n'um vôo ligeiro,  
D'outra banda desprende-se a voz.

« Oh ! nhô Juca, ide mansinho ;  
O cavallo quer correr,  
Já torceu a orelha esquerda,  
Maroteira vai fazer.

Mais arredado do bicho ! ..  
Mais ao campo, andando assim !  
Tende tenencia no bruto  
Mas não descuideis de mim. •

E o solto cavallo dos campos erriça  
As relvas macias aos bates da mão,  
De lado virando, relincha e se afasta,  
E a vista abrasada não perde o pião.

• Agora ! agora, nhô Juca !  
Pinchai o laço no ar  
De um corcovo ; á galopada  
Não sente o pião passar. •

E o laço fugio nos ares,  
E o corcel solto laçou,  
Distante da varge' exaustio  
Preso o cavallo estacou.

« — Eh ! nhô Juca ! abençoada  
Tende nos laços a mão ;  
Andarieis estes campos  
Se não valesse a benção. •

E nhô Juca, contente, de volta  
Traz laçado o cavallo do val :  
Sua dona na porta apparece,  
Aos relinchos do arisco animal.

## A CORRENTE

(S. PAULO)

E' bella no alto a igreja  
Da virgem da Aparecida,  
Santa vigia da calma  
Na serra florida ;  
De longas jornadas sempre  
Vindo os romeiros fleis,  
Na cera os milagres trazem  
Lembrados que a virgem fez.

E as lendas naquelles sitios  
Da milagrosa Senhora  
Repetem-se em cada hora  
Dos turgios no serão ;  
De uma corrente de ferro,  
Que do altar-mór pende ao solo,  
Da infelicidade o consolo  
E' transumpto a narração.

A' um pobre escravo rebelde,  
Que p'r'as florestas fugia,  
Zangado o senhor um dia  
Aquelles ferros prendêo,

E o infeliz na ignominia  
Não revoltou-se, e, contricto,  
Genuflexo as mãos afflicto,  
Levantou á Mãe do Céu.

Estava na igreja o povo  
Quando o preto alli resava,  
E a virgem da Aparecida,  
Suas preces escutava,  
Quando do pescoço o ferro  
Desprendeu-se e foi ao chão,  
E o senhor, vendo o milagre,  
Deu-lhe alforria e perdão!

Do altar-mór hoje ao solo,  
Desce a corrente fallada  
Pelos tropeiros na estrada,  
Com respeito e contricção;  
E nesta lenda que escrevo  
Da sacro-santa Senhora  
Vai em linguagem sonora  
Minha sincera oblação!

## O TATÚ

(RIO-GRANDE DO SUL)

O canto alegre não ouves ?  
O prazer não sentes tu ?  
Alli demora a alegria,  
Alli suspira o tatú !  
Ao desafio rompendo  
Segue á cantiga o dansar,  
E ninguem fica sentado,  
Que o tatú só quer folgar !

No spateio, nas voltas  
Pares mil rodando vão ;  
De permeio os violeiros  
Tocam, sollando a canção.  
Quem não verseja não dança  
O tatú no pouso amigo,  
E' costume, e bem antigo,  
Conhecido no sertão.

Como feliz o tropeiro  
Vai a trigueira buscar  
Eu contarei, mas agora  
Escuta o doce cantar.

« O tatú é homem pobre,  
Nada tem mesmo de seu,  
A não ser a velha blusa  
Que o pai rasgada lhe deu. »

Puxando a fleira, descanta o tropeiro  
Em frente à serrana, parando por fim ;  
A' simples cantiga se ergue a morena  
E, terna, dançando, responde-lhe assim :

« Gosto do tatú que corre  
Junto ao serro de Bagé,  
Com facinho preso aos tentos  
Atrás do boi jaguané !

« Se do tatú não desgostas,  
O tatú olhas em mi,  
Que atrás de um boi quasi á fundo  
Fui do rio Pirahy ! »

E seguem os versos, mais verso á porfia,  
Requebros, meiguices nas vozes, e então  
Dos pares felizes confundem-se as vozes,  
Em uma toada se eleva a canção.

E cantam ! cantam ! que vozes !  
Que singeleza ! que amor !  
Nos olhares, que ternura !  
Nos labios, quanto dulçor !

Entre as caricias do pouso  
Quem feliz já não dansou ? !  
Do tatú ao desafio  
Quem trovas não descantou ?

Além, cantiga serena  
Ao desafio se esvai,  
Como a limpa em chão de retva,  
Como o queixume de um ai.

« — Trigueira, meus olhos doces,  
O tatú é pobretão,  
Não tem carretas na estrada,  
Nem tropas tem no sertão.

Debalde o tatú humilde  
Se apresenta ao meu olhar,  
Heide amal-o na pobreza  
Como rico o soube amar. »

E os pares rodam ; nas voltas  
Soam cantigas tambem.  
Té que á merenda da festa  
Franca voz chamal-os vem.

E a dansa termina ; na sala de dentro  
Em volta da mesa sentados então,  
S'eleva um tropeiro p'ra o brinde das graças  
Em nome dos outros fazer na funcção :

« Ao senhor dono da estancia  
Um brinde vou dirigir,  
Capitão bravo em pelejas,  
Amigo de bem servir ;  
Guapo á cavallo nos campos,  
Tambem de á pé é valente,  
Do tatú a alegre gente  
Por meus labios faz-se ouvir !

A' saúde do patricio  
De uma vereda bebamos,  
E a Deos os votos façamos  
Pela existencia na paz.  
Quem fór amigo no brinde  
Solte a voz clara e sonora,  
Vou soltar meu viva agora  
Ao seu Juca Capataz ! »

E foge o viva fagueiro  
Do brinde ferindo os ares.  
Como aqui, todos os lares  
São alegres no sertão.  
Viajante, se lastimas  
Do tatú fmdada a festa,  
Não lamentos, que te resta  
A lembrança ao coração.

## INVERNADA

Talou o inverno os teus campos!  
Coitado do boiador!  
Onde irás levar teu gado  
Se é murcho o teu logrador?  
Do desgraçado à vivenda  
Quando vem fria a invernada  
A desventura é chegada,  
Té do seio rouba a flôr.

Neste inverno, peregrino,  
Errará teu boiador?  
Dormirá no pó da estrada  
Soltal-o-has n'um capão?  
Boiador, boiador pobre,  
Te bateu o inverno á choça,  
Murcho o pasto e secca a roça  
Tu vês olhando a amplidão.

Paulino encontrei ha pouco  
Em sua vacca pensando;  
Triste Paulo vi andando  
No frio inverno a pensar;  
Aqui, boiador, te encontro  
A lastimar a invernada,  
Olhando á fria geada  
Soltas folhas do pomar.

Quanta tristeza na roça  
Não trazem as invernadas!  
Adejam pelas chapadas  
As aves, sem ter canções;  
O gado mugindo pasta  
A rara e minguada relva,  
Do vento, esgassando a selva,  
Os hafos lembram trovões.

Boiador, que te agonias,  
Cala o queixume dorido,  
Se teu gado anda perdido  
Vai juntal-o, boiador.  
Do pobre junto á vivenda  
Quando regela a invernada  
E' a reiva abençoada  
Do  *fingido*  logrador.

Poucos bois tanges da ponta,  
Pobre filho do sertão,  
Tua boiada não cansa  
O manejar do aguilhão;  
Qualquer pasto a nutre forte  
Contra os rigores do inverno,  
Que o soffrer não é eterno  
Diz-te a esp'rança na oração!

Talou o inverno os teus campos!  
Coitado do boiador!  
Onde irás levar teu gado  
Se é murcho o teu logrador?  
Do desgraçado á vivenda  
Quando vem fria a invernada  
A desventura é chegada,  
Té do seio rouba a flôr.

## NENIA

Seus bois dormiam nestes vastos campos,  
Nesta cacimba aqui se refrescavam  
Indolentes, gentis; as verdes relvas  
A' tarde além pastavam.

No logrador vizinho da vivenda  
Os vi encurralados muitas vezes;  
Alvas, mais alvas não passaram nunca  
Aqui tão lindas rezes.

Maria era gentil, e tão formosa  
Nunca nas roças um semblante igual  
Beijava a madrugada, que a encontrava  
Na porta do curral.

Hoje, quem lembra que Maria outr'ora  
Por aqui a boiada conduzia?  
A choça é triste e o boadeiro amante  
E' morto de Maria!

Das saudades o pranto consumio-lhe  
Talvez a vida no abandono frio,  
E os echos sua historia não guardaram,  
E nem a lembra o rio!

Lindas as flôres do invejado leite  
Crescem na vargem que s'estende bella,  
Deslembradas do amor, dos seus cuidados,  
E dos sonhos della!

A choça, e uma cruz no descampado,  
Na catinga a boiada que erradia...  
Eis o que resta, o que nos diz — formosa,  
Aqui viveu Maria!

## O CAPATAZ

(À LUÍZ LEITÃO)

Das carretas da estancia mais rica  
Capataz sou valente e afoito,  
Das restingas se á sombra me acoito,  
Livre o pingo retouça o hervaçal ;  
Tenho a xerga e a carona por leito,  
No lombilho descanso a cabeça,  
Não ha susto que o braço estremeça  
Se do cinto eu arranço o punhal.

Voa o palla dos hombros formosos,  
Cheripá minhas pernas enfeita,  
E o sombrero de escura bacta  
Minha fronte resguarda do sol.  
Pincho o laço com gana e certeza,  
O cochillo mencio arrogante ;  
Na viola baralho o descante,  
Quer á noite ou á luz do arrebol.

De cabeça sou forte p'r'as guampas,  
Cauto o jogo chuleio na venda,  
Sou alegre, feroz, na contenda,  
Como o touro, revolve o rival ;  
Nas carretas as guascas arrumo,  
Quando a noite me chama ao descanso,  
Solto o gado cansado, que manso  
Vai, moroso, espojar-se no val.

Minha mão, na viola macia,  
Mais que o ajojo, é nas lutas cruenta,  
Timoeiro que a canga sustenta  
O inimigo suspende veloz ;  
Ao moirão apertado, o matungo  
Não corcova, não salta, não pula,  
Só a raiva nos rinchos ulula,  
Como o odio do imigo na voz.

Retovadas de couro do laço  
Minhas bolas o potro boleiam ;  
Cachelilhas de mim se arreceiam  
Se as morenas namoro á dansar ;  
Pelas lombas, bibocas, potreiros,  
Tenho feitos que lembram meus dias,  
Dos arroios nas aguas mais frias  
Passo á nado se a vão não passar .

Jaguarão, minha terra adorada,  
Nas saudades do seio, nos prantos  
De minh'alma és a flôr dos encantos,  
A doçura do meu coração ;  
Molestado contudo não ando,  
Que o gaúcho acha sempre alegria  
Da viola, onde sóa a harmonia,  
Onde atira a morena a canção.

Não receio baguaes e nem chucros,  
Rodomanos cavalgo dormindo,  
Quando o touro pealo fugindo  
Ou manadas arrumo ao curral ;  
O meu laço é certo no bote,  
E' faisca o meu pingo montado,  
A' tropilha jámais dei um brado  
Que veloz não corresse ao signal.

Mas no entanto meus labios babujam  
Como o rocio as savannas ardentes  
Meigas trovas de amor innocentes,  
Tem meus olhos doçura no olhar .  
O pampeiro que arrasa a campanha  
Deixa vida no frio passando  
O gaúcho que raiva lutando,  
Ama em paz da viola o cantar .

Capataz das estancias mais ricas,  
Sou affeito nas rugas briosas ;  
Jaguarão, minhas trovas saudosas,  
Te abençoam calando nos céos ;  
Sou alegre e feroz na contenda,  
Amoroso o tatú sapateio,  
E o descante baralho no enleio,  
E esses pampas immensos são meos .

## NOTAS

Ajojo — canga que se põe nos chifres dos bois. Canção do aboiar — cantar á frente do gado. Aguachado — gordo. Anajá — arvore d'onde o quiriri tira fibras para fazer o seu ninho.

Baião — musica, canto e dança. Biboca — barranca, gruta. Boi jaguané — boi pintado de branco, preto e vermelho.

Catinga — matto espesso. Cachetilha — janota da cidade. Cheripá — manta que prendem na cintura. Chulear o jogo — fazer negações jogando. Capataz — chefe dos peões ou da estancia. Carona — um couro que fica embaixo do lombilho. Ciscar — estorcer-se no chão em agonias.

Logrador — lugar para onde se conduz o gado em annos pouco invernosos por falta d'agua ou forragem. Lomba — ladeira, encosta. Pouperia ou pulperia — taberna.

Querencia — lugar onde nasceu o animal. Quiriri — passaro nuncio, quasi sempre de boas novas, é de côr parda.

Restinga — matto á beira do arroio. Rodomano — animal ainda esperto.

O tatú — festa, dança, usada no sul. Timoeiro — pão que prende as cangas.

iar  
ore  
Boi  
ipá  
ças  
um  
ção  
in-  
ta  
un-  
nda  
as

# A BIBLIOTHECA BRAZILEIRA

publicará mensalmente um volume nunca menor de 80 paginas,  
contendo poesias, romances, contos, etc. etc.

PUBLICADO:

AMOR QUE MATA

ROMANCE POR V. COARACY

MOSAICO

POESIA E PROSA POR DIVERSOS AUTORES

SERTANEJAS

POR JOAQUIM DELEDDORO

NO PRELO:

TETEYAS

PELO DR. CARTANO FIGUEIRAS

Recebem-se assignaturas trimezses a 25 ora a  
côrte e 36 para as provincias, na praça da Constituição n. 78,  
escriptorio da empresa. Numero avuls, 45

JFC  
869  
S23